

O UNIVERSO NUMA CASCA DE LARANJA: A HISTÓRIA DA MOURA TORTA

Flávia R. D'Ávila¹, Paulo R. Barja^{1,2}

¹Grupo Conto Com Você – contadores de histórias, Av. São José 626, Vila Bela Vista, 12209-010, São José dos Campos/SP, conto.com.voce@hotmail.com

²Laboratório de Fotoacústica Aplicada a Sistemas Biológicos (FASBio), Instituto de Pesquisa & Desenvolvimento, Universidade do Vale do Paraíba, Av. Shishima Hifumi 2911, Urbanova, 12240-000, São José dos Campos/SP, barja@univap.br

Resumo – Podemos definir por “contos populares” aqueles transmitidos de geração em geração, e de um lugar para outro, essencialmente através da oralidade. Um mesmo conto popular pode ser encontrado em diversos países e culturas, podendo apresentar, sob a mesma estrutura geral, peculiaridades conforme a região e época de registro. No presente trabalho, o conto popularmente conhecido no Brasil como “A Moura Torta” é analisado com o objetivo de se investigar não apenas suas peculiaridades regionais como também os traços universais presentes neste conto de fadas.

Palavras-chave: Cultura popular, contos de fadas, história, regionalismo, universalidade.

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes

Introdução

Podemos chamar de “contos populares” aqueles relatos anônimos, transmitidos de geração em geração, e de um lugar para outro, essencialmente por transmissão oral. Na verdade, embora hoje alguns pesquisadores classifiquem diferentes culturas como sendo *culturas de tradição escrita* (ocidente), em oposição ao que chamam de *culturas de tradição oral* (África e oriente de modo geral), é inegável o fato de que, sobretudo até o século XIX, a principal forma de difusão destes contos populares foi a transmissão através da oralidade. Dentro das variações do conto popular temos os contos de fadas, ou contos maravilhosos ou ainda contos da carochinha. Estes contos geralmente envolvem magia ou encantamentos, e o herói deve enfrentar vários obstáculos antes de ser consagrado.

Vladimir Propp (2002) afirma que os contos de fadas possuem normalmente uma estrutura básica comum, em torno da qual são tecidas as nuances das diferentes versões difundidas do conto.

O presente estudo teve por objetivo analisar diferentes versões do conto maravilhoso *As três cidras do amor*, ou *A Moura Torta*, nome pelo qual a história é mais conhecida no Brasil, visando descobrir quais os aspectos universalmente presentes no conto e quais as peculiaridades locais inseridas nestas diferentes versões analisadas.

Materiais e Métodos

Buscou-se recolher versões registradas em diferentes países e disponíveis em livros ou na

internet. Foram consultadas 14 versões escritas provenientes de Portugal, Espanha, Itália, Turquia, Magreb, Costa Rica, Índia e Brasil e duas versões transmitidas oralmente durante a pesquisa, além de artigos sobre o conto.

Resultados

Linhas gerais do conto

O conto popularmente conhecido no Brasil como *A Moura Torta* em linhas gerais narra a história de um rapaz (príncipe) que sai de casa para conhecer o mundo ou em busca de uma mulher para se casar. Este rapaz costuma ganhar ou encontrar três frutas mágicas. Ao abrir a primeira fruta, surge uma linda moça que pede água e logo desaparece porque o rapaz não consegue atender este pedido a tempo. O mesmo acontece com a segunda fruta. Finalmente, na terceira tentativa ele consegue manter a moça viva. Como ela está nua (na maioria das versões), o príncipe deixa a moça no alto de uma árvore, perto de uma fonte, e pede a ela que espere enquanto ele vai buscar roupas no palácio. Neste momento surge a antagonista do conto. Ela vai até a fonte pegar água. Esta antagonista é apresentada como uma mulher muito feia e velha, por aqui conhecida como Moura. Quando se aproxima da fonte ela vê o reflexo da moça no alto da árvore e pensa ver o próprio rosto. Fica inconformada por ser tão bela e mesmo assim ter que pegar água. A Moura quebra o pote que traz consigo, sendo punida; sempre que retorna ao poço, pensa ser seu o reflexo visto na fonte e quebra as vasilhas que traz consigo. A jovem sobre a árvore ri deste fato; ao descobri-la, a

Moura oferece-se para pentear os cabelos da moça e espeta um alfinete encantado em sua cabeça. A moça transforma-se então num pássaro (na maioria das vezes uma pomba branca) e a antagonista toma seu lugar. Quando o rapaz/príncipe retorna, a Moura alega ser a mesma pessoa que ele deixou à sua espera e, para cumprir sua palavra, ele se casa com ela. Tempos depois, a pomba aparece no palácio, perguntando pelo príncipe que, ao saber disso, manda capturá-la. Acariciando a cabeça do animal o príncipe descobre o alfinete, retira-o e o encanto se quebra. A Moura é punida com a morte.

Discussão

Peculiaridades das versões analisadas

O estudo e confronto das diferentes versões do conto mostra que a mesma história varia muito não apenas de país para país, mas também de região para região ou até de narrador para narrador (“quem conta um conto aumenta um ponto”). O início e o final dos contos da tradição oral são as partes que mais sofrem alterações (CASCUDO, 1954). A seguir apontaremos algumas das principais peculiaridades das histórias analisadas:

Quanto às metamorfoses:

Nas versões provenientes do oriente, é interessante observar que não apenas a protagonista sofre transformações a partir de elementos mágicos, mas também pessoas que estão próximas a ela. Na versão da região do Magreb, *História da jovem que nasceu de uma maçã*, o pai da moça ao comer uma maçã encantada gera a filha em um de seus joelhos (HADDAD, 1982). Outro exemplo é a versão turca *O Príncipe Veado* em que o irmão da protagonista é vítima de uma metamorfose logo no início da história, tornando-se um veado ao beber água numa poça encantada (BUCK, 1965).

Segundo GOLDBERG (apud KAWAN, 2004), a moça que surge de uma fruta costuma sofrer diversas metamorfoses nas versões narradas no oriente. No entanto, na versão *O príncipe veado*, a principal metamorfose acontece com o irmão da protagonista, que se transforma num veado. Por sua vez, a moça é jogada num poço e é engolida por um peixe, onde permanece até dar a luz a um filho e ser resgatada. Na versão indiana a protagonista também fica presa nas entranhas de um peixe, onde passa 12 anos. Nesta versão, é a moça que sai em busca do seu amado, sofrendo diferentes metamorfoses em sua jornada (STOKES, 1880). Este fato pode ser compreendido pela mitologia/religiosidade oriental, em que histórias envolvendo transformações são recorrentes (KAWAN, 2004).

Nas variantes italianas, a protagonista surge de uma cidra – na versão de Giambattista Basile (BASILE, 2008) ou romã (CALVINO, 2006) e sofre outras transformações diante das ações da vilã.

Basile: *escrava espeta alfinete na cabeça da moça / moça vira pomba / pomba fala ao cozinheiro / cozinheiro avisa príncipe / escrava manda matar a pomba / cozinheiro mata pomba, escalda e joga a água num canteiro / três dias depois nasce uma cidreira / surgem três cidras / moça ressurgue da terceira cidra.*

Calvino: *sarracena espeta alfinete na orelha da moça / moça morre / uma gota de sangue cai no chão e surge uma pomba / pomba fala ao cozinheiro / cozinheiro avisa príncipe / sarracena ouve e mata a pomba / uma gota de sangue cai no chão / dias depois, nasce romãzeira / moça ressurgue de uma romã.*

Nas variantes da Península Ibérica e Brasil os elementos mágicos geradores de transformação são apenas as frutas de onde sai a moça e o alfinete encantado que a transforma em pomba. A história termina com o príncipe encontrando e retirando o alfinete da cabeça da pomba, desfazendo-se o encantamento. Em duas versões brasileiras, uma transmitida oralmente pelo Sr. Geraldo Tartaruga e outra registrada por Figueiredo Pimentel (1958), não existe a primeira parte da história em que a moça sai de uma fruta. Um príncipe/rapaz a encontra perto de uma fonte e a partir daí a narrativa segue, obedecendo à estrutura do conto tradicional.

No conto costarriquenho *As três laranjas mágicas*, a principal diferença está no fato da moça ser aprisionada por uma bruxa dentro das frutas; é esta mesma bruxa que a procurará posteriormente e espetará o alfinete encantado em sua cabeça (PHILIP, 1998).

Quanto às antagonistas

É interessante observar que a identidade das antagonistas varia de acordo com o país/região de onde o conto provém. Assim, na Itália encontramos como antagonista uma sarracena ou escrava negra. Nos Bálcãs e Espanha ela pode ser uma cigana ou moura (CAMILLO, 2005), na Grécia e Malta é turca, em Portugal e no Brasil a vilã apresenta-se como uma moura, escrava negra e/ou feiticeira (GUIMARÃES; BRAGA, 1987; LISBOA, 2002; PEDROSO, 2001; ROMERO, 2000) e na Pérsia e Turquia como africana; na Costa Rica, aparece como bruxa (PHILIP, 1998). No conto do Magreb, as outras esposas do rei ficam enciumadas e cada uma espeta um alfinete na cabeça da protagonista (KAWAN, 2004).

O número três

O número três aparece freqüentemente nos contos de fadas. São, por exemplo, três provas

De modo geral, tais elementos são basicamente os mesmos encontrados na grande maioria dos contos de tradição oral (contos de fada).

Conclusão

A análise do conto permite identificar tanto os aspectos universais quanto as peculiaridades regionais da narrativa. A universalidade se manifesta na estrutura, na essência do conto. Pode-se dizer que os acentos regionais inclusive reforçam a necessidade humana de ouvir certos tipos de relatos, incluindo mesmo elementos de origem mitológica (o distanciamento, o enfrentamento de conflitos e a superação pessoal), ainda que adaptados à realidade de uma determinada época ou região.

Agradecimentos

A Adriana M. Barja, pela transmissão da versão do conto ouvida em Campinas.

A Giba Pedroza, por possibilitar o encontro com o senhor Geraldo Tartaruga.

Ao Sr. Geraldo Tartaruga, pela narração da história *O príncipe e a feiticeira*.

Referências

- LISBOA, H. *Literatura oral para a infância e a juventude*. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- PEDROSO, C. *Contos Populares Portugueses*. São Paulo: Landy, 2001.
- PHILIP, N. *Volta ao Mundo em 52 Histórias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.
- PIMENTEL, F. *Contos da Carochinha*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora: 1958.
- PROPP, V. *Raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROMERO, S. *Contos Populares do Brasil*. São Paulo: Landy, 2000.
- STOKES, M. *Indian Fairy Tales*. London: Ellis & White, 1880.
- BASILE, G. *The pentamerone*. Disponível em: www.timsheppard.co.uk/story/stories/pentamerone.html. Acesso em 02. Ago. 08.
- BRAGA, T. *Contos tradicionais do povo português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987. 2 v.
- BUCK, P. S. *Histórias Maravilhosas do Oriente*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1965.
- CASCUDO, L. C. *Antologia do folclore brasileiro*. 2ª ed. São Paulo, Livraria Martins, 1954.
- CALVINO, I. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- CAMILLO, Y. M. *Contos Populares Espanhóis*, São Paulo: Landy, 2005.
- GUIMARÃES, R. *Lendas e Fábulas do Brasil*. São Paulo: Cultrix, sd.
- HADDAD, J. A. *Contos Árabes – Antologia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1982.
- KAWAN, C. S. *Electronic J. Folklore*, v.27, p.29-48 (2004). Disponível em: www.folklore.ee/folklore/vol27. Acesso em 01. Ago. 08.